



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS  
SISTEMA DE BIBLIOTECAS DA UNICAMP  
REPOSITÓRIO DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA E INTELLECTUAL DA UNICAMP

**Versão do arquivo anexado / Version of attached file:**

Versão do Editor / Published Version

**Mais informações no site da editora / Further information on publisher's website:**

<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/remate/article/view/8654223>

**DOI: 10.20396/remate.v39i1.8654223**

**Direitos autorais / Publisher's copyright statement:**

©2019 by UNICAMP/IEL. All rights reserved.

DIRETORIA DE TRATAMENTO DA INFORMAÇÃO

Cidade Universitária Zeferino Vaz Barão Geraldo

CEP 13083-970 – Campinas SP

Fone: (19) 3521-6493

<http://www.repositorio.unicamp.br>

**WOLFF, JORGE. *TELQUELISMOS LATINO-AMERICANOS: A TEORIA CRÍTICA FRANCESA NO ENTRE-LUGAR DOS TRÓPICOS*. RIO DE JANEIRO: PAPÉIS SELVAGENS, 2016.**

**Gisela Bergonzoni<sup>1</sup>**

**Resumo:** O objeto desta resenha é o livro *Telquelismos latino-americanos: a teoria crítica francesa no entre-lugar dos trópicos*, de Jorge Wolff, professor da Universidade Federal de Santa Catarina. Fruto da tese de doutorado de Wolff, o volume, publicado em 2016 pela editora carioca Papéis Selvagens, parte de um questionamento relevante: em que medida as tendências vanguardistas da crítica francesa nos anos 1960 e 1970 – representadas, notadamente, pelo grupo Tel Quel e sua revista homônima – tiveram uma influência na intelectualidade do cone sul?

**Palavras-chave:** *Tel Quel*; crítica francesa; crítica latino-americana.

**Abstract:** The object of this review is the book *Telquelismos latino-americanos: a teoria crítica francesa no entre-lugar dos trópicos*, by Jorge Wolff, professor at Universidade Federal de Santa Catarina. Being a result of Wolff's doctoral thesis, the volume, published in 2016 by the editor Papéis Selvagens, seeks to answer a relevant question: to what extent are the avant-garde trends of French theory in the 1960s and 1970s – notably the Tel Quel group and its homonymous journal – had an influence on the intelligentsia of the southern cone?

**Keywords:** *Tel Quel*; French Theory; Latin-American Criticism.

O livro *Telquelismos latino-americanos: a teoria crítica francesa no entre-lugar dos trópicos*, de Jorge Wolff, professor da Universidade Federal de Santa Catarina, parte de um questionamento relevante: em que medida

---

<sup>1</sup> Pós-doutoranda em Teoria e História Literária, Universidade Estadual de Campinas – Unicamp: <[giselaab@gmail.com](mailto:giselaab@gmail.com)>.

as tendências vanguardistas da crítica francesa nos anos 1960 e 1970 – representadas, notadamente, pelo grupo Tel Quel e sua revista homônima – tiveram uma influência na intelectualidade do cone sul? Se o texto não se apressa em dar uma resposta rápida, pode-se inferir que essa influência foi, sim, bastante imponente. Mas que os intelectuais latino-americanos não a receberam servilmente. Leram, criticaram e transformaram as ideias dos franceses, dando-lhes uma coloração própria, que fazia sentido para o contexto político e universitário de países que viviam sob regimes ditatoriais extremamente duros.

Lançado pela editora carioca Papéis Selvagens, o livro é resultado da pesquisa realizada por Wolff durante sua tese de doutorado em teoria literária, defendida em 2002, sob orientação de Raul Antelo. Wolff tomou como ponto de partida para a investigação dois periódicos culturais – o “Suplemento Literário” do *Estado de São Paulo*, que circulou com sua formação original de 1956 a 1966, e a revista portenha *Los Libros*, entre 1969 e 1976 –, por terem sido importantes plataformas de debate cultural e de circulação de ideias, entre as quais as de Tel Quel tiveram especial relevância.

A história de Tel Quel começa em 1960, mas toma corpo em 1968, com uma politização crescente de seus membros. Na esteira dos protestos estudantis durante o “maio parisiense”, que provocaram uma marcante reviravolta no panorama social e intelectual europeu, Tel Quel lança *Teoria de conjunto*, uma antologia de artigos, com ares de manifesto, assinada por Roland Barthes, Jacques Derrida, Michel Foucault e Julia Kristeva, e editada por Philippe Sollers. Não é à toa que a capa do livro de Wolff é ilustrada por uma serigrafia do Atelier Populaire, “La beauté est dans la rue” [a beleza está na rua], que foi espalhada pelos muros de Paris em meio aos embates de maio de 1968. É esse o momento em que a vanguarda telqueliana passa a explorar não mais somente as bases para uma semiologia radical, mas, como escreve o autor, “passa a reivindicar de modo religioso a figura de Mao Tsé-Tung e seu credo particular dedicado a uma revolução cultural que deveria ser permanente ou infinita” (pp. 13-14).

A ação do grupo foi de fato temperada por debates intelectuais intensos e correntes críticas múltiplas que borbulhavam na França e na Europa nos anos 1960 e 1970: estruturalismo, materialismo histórico, existencialismo, maoísmo, pós-estruturalismo, situacionismo... não é exagero cunhar também este “telquelismo”, uma espécie de união entre teoria do texto e exaltação à revolução cultural chinesa. Como se vê, a

trajetória de *Tel Quel* é por si só complexa, atestada por uma das fontes para o trabalho de Wolff, o volume *Histoire de Tel Quel*, de Philippe Forest (1995).

Wolff tem um olhar crítico, que busca compreender de que maneira esse furacão de ideias, muitas vezes contrastantes, atravessa o oceano e encontra outra realidade, outra intelectualidade, com suas idiossincrasias e desenvolvimentos históricos completamente diversos, que é a latino-americana. Para analisar esse encontro, o autor escolheu centrar-se na trajetória intelectual de alguns dos protagonistas dos dois periódicos, o paulista e o portenho. Assim, os capítulos do ensaio que ocupa a primeira parte do livro são focados nos seguintes “críticos-escritores”, como pontua Wolff: os argentinos Beatriz Sarlo e Ricardo Piglia, que atuaram na revista *Los Libros*, e os brasileiros Leyla Perrone-Moisés e Silviano Santiago, que escreveram ativamente no “Suplemento Literário” do *Estadão*. Descrevendo o lugar discursivo desses “novos críticos”, o autor afirma que se trata de “um lugar mais diaspórico e internacionalizado, no caso dos intelectuais brasileiros, ao mesmo tempo que, no caso dos argentinos, foi mais duro e nacionalizado, em maior tensão com a cultura francesa e europeia em geral” (p. 25).

Para entender o que chama de “telquelismos latino-americanos”, Wolff recorreu também, em sua pesquisa, a diversas entrevistas, que ocupam a segunda parte do livro. Além das quatro figuras intelectuais que norteiam o ensaio, Wolff conversou longamente com Nicolás Rosa e Héctor Schmucler, que foram tradutores da obra de Roland Barthes (um dos grandes nomes de *Tel Quel* e um dos grandes nomes do pensamento francês, *tout court*) na Argentina, e com o psicanalista Germán García e o cientista político Ernesto Laclau. No entanto, as entrevistas de Piglia e de Sarlo, que integram a tese de doutorado, não foram autorizadas a serem reproduzidas no livro.

É de fato pela vida e pelas leituras desses personagens que a geleia geral telquelista é processada. Seguindo a trajetória de Silviano Santiago desde os primeiros textos publicados no *Estadão*, vemos que ele busca uma localização estratégica, num interstício entre ficção, ensaio, prosa e poesia – posição que se faz ouvir na própria teorização de um de seus conceitos mais conhecidos, o de “entre-lugar”, discutido no ensaio “O entre-lugar do discurso latino-americano”, de 1971 –. Para Wolff (p. 32), o “entre-lugar” deve ser lido

[...] no marco da transgressão estática e política no qual foi inscrito, destacando suas principais bases teóricas e filosóficas: de um lado, os modernismos brasileiro e hispano-americano (em seus diferentes momentos) e, de outro, a chamada teoria crítica francesa.

Como mostra Wolff, Santiago trabalha os sentidos dessa ideia de interstício a partir de sua própria “esquizofrenia”, como ele mesmo descreve sua condição, no depoimento ao autor: o fato de ser um brasileiro, professor de francês em uma universidade americana (a State University of New York at Buffalo, onde lecionou de 1969 até 1973, quando volta ao Brasil e se instala no Rio de Janeiro). Cotejando a primeira versão do ensaio sobre o “entre-lugar” com a definitiva, de 1978, Wolff constata algumas mudanças substanciais: em sua interpretação, que parece justa, as verdades políticas de uma esquerda ortodoxa são postas em questão e aproximam Santiago do tropicalismo.

É também na rejeição a certos dogmas políticos e teóricos que se caracteriza a atuação de Leyla Perrone-Moisés, responsável por uma coluna de literatura francesa no *Suplemento Literário* do jornal paulista e mais tarde professora da Universidade de São Paulo. Voltando da França em 1968, “profundamente ‘estruturalizada’ e politizada”, como escreve Wolff (p. 52), Perrone-Moisés (*apud* p. 58) se divide entre o fascínio pela escritura postulada pela nova crítica e o ceticismo em relação ao que chama de “delírio terminológico” desta, que almejava reinventar o mundo por meio de seus neologismos por vezes desnecessários. Aluna de Barthes, respeitada no meio editorial francês e frequentadora da intelectualidade parisiense, Perrone-Moisés narra também seu distanciamento progressivo dos membros de *Tel Quel* – sobretudo de Philippe Sollers – na entrevista reproduzida no fim de *Telquelismos latino-americanos*, fornecendo um panorama crítico interessante das forças em jogo na “metrópole”.

Abordando a revista *Los Libros*, que surge em 1969 com um projeto semelhante ao da *Quinzaine Littéraire* na França – resenhar todos os livros que eram publicados na Argentina –, Wolff concentra-se no momento de crise e de posterior transformação política do periódico. Para isso, pontua a ação da jovem peronista Beatriz Sarlo Sabajanes (sua assinatura na época), que desde o início de sua participação, em 1971, reivindica uma escritura barthesiana. Mas a revista se afasta violentamente da nova crítica ao tornar-se cada vez mais maoísta, até seu fechamento pelos militares em 1976, após o golpe. Em 1978, Sarlo ajuda a criar, clandestinamente, a revista *Punto de Vista*, na qual, nas palavras de Wolff (p. 70), “a ex-militante

revolucionária passa a fundir a tradição das polêmicas jornalísticas com o debate acadêmico”, apregoando uma “descolonização intelectual” por meio de leituras de críticos culturais marxistas como Raymond Williams. Mas Barthes nunca é abandonado por Sarlo – ao contrário de outros telquelistas, é frequentemente reivindicado como opositor da doxa, tanto a do senso comum como a do discurso militante, ou seja, “contra os dogmas do pensamento, seja ele *franco-chinês* ou *franco-chinês-argentino*”, como escreve Wolff (pp. 71-71).

Colega de Sarlo tanto em *Los Libros* como em *Punto de Vista*, Ricardo Piglia, ficcionista, ensaísta e professor, morto em 2017, é autor de “intervencões decisivas” (p. 73) para os rumos ideológicos da primeira revista. O celebrado autor de *Respiração artificial* entra em *Los Libros* como comentador da literatura norte-americana. Wolff examina essa atuação, mas também volta sua análise aos artigos políticos de Piglia, a exemplo de “Nueva narrativa norte-americana”, de 1969, em que aborda a escrita fragmentária de William Burroughs lado a lado com a propaganda e a prática do grupo radical Black Panthers. É desse período da revista uma importantíssima entrevista de Piglia com o escritor e jornalista Rodolfo Walsh, realizada em março de 1970 e publicada em 1973 como prólogo a *Un oscuro día de justicia* pela editora Siglo XXI.<sup>2</sup> Do texto de Wolff (p. 75), emerge um Piglia radical e, mais surpreendentemente, “fervorosamente maoísta”. Como afirma o autor em nota de rodapé, a maior parte dos textos de *Los Libros* é apagada da bibliografia fornecida no livro *Ricardo Piglia. Conversación em Princeton* (1998).

Ao deter-se em indivíduos em vez de contar uma história no sentido amplo – daí o termo “telquelismos”, no plural – o livro às vezes dificulta uma visão de conjunto. Apesar de deixar a desejar uma vista mais panorâmica desse cenário da história recente, complexo e ainda pouco estudado, e escolha deliberada de Wolff por pintar experiências esparsas e centrar-se em alguns detalhes e polêmicas é pertinente. O que fica é uma leitura latino-americana do fervor telquelista, permeada pelo “antidogmatismo” e pela “flexibilidade”, como afirma o autor.

Na segunda parte do livro, dedicada aos depoimentos, há um material extenso que serve para a argumentação da primeira parte (Wolff faz recurso a diversas passagens dessas conversas). As entrevistas são minuciosamente decupadas e transcritas, e por essa mesma razão

---

2 Hoje, a entrevista está disponível em português na antologia de Walsh *Essa mulher e outros contos* (2010).

são longas demais, com marcas de oralidade e falas por vezes repetitivas – sobretudo no que diz respeito à conversa com os críticos argentinos Nicolás Rosa e Héctor Schmucler. Nesse sentido, uma edição mais comprometida em enxugar os discursos do que em exauri-los seria mais conveniente. Mas permanecem documentos históricos de grande importância, ou, como diz Leyla Perrone-Moisés (*apud* p. 143): “Isso aí que você está me fazendo não é uma entrevista, é um verdadeiro testemunho geral, político, literário...”

Uma anedota contada por Schmucler e Rosa é exemplar das contradições e do clima combativo que se fazia sentir nos meios culturais. David Viñas, um escritor de importância na época, chega enfurecido à redação de *Los Libros* e tenta esbofetear Schmucler. O motivo: eles haviam publicado, pela editora Siglo XXI, um livro de poemas de Alejandra Pizarnik, que Viñas não achava suficientemente engajada para figurar ali. “Para ele!”, ressalta Rosa na entrevista a Wolff. No fim, o arroubo de Viñas ganha uma certa positividade, na visão de Schmucler (*apud* p. 112): “Teve uma época no país onde qualquer um poderia brigar por um livro, o que é bom, não é?”. É curioso perceber que esse mesmo episódio é narrado por Ricardo Piglia no segundo tomo de *Los diarios de Emilio Renzi*, publicado em 2016. Em uma entrada de fevereiro de 1972, Piglia/Renzi conta ter encontrado a redação de *Los Libros* em revolta após a passagem de Viñas e seu “disparo psicótico” (PIGLIA, 2016, p. 289). Segundo o relato reportado no diário, Viñas teria esbravejado que o livro de Pizarnik era uma “porquería” e que só não bateria em Schmucler porque este usava óculos. Porém, Piglia (2016, p. 290) dá uma interpretação ligeiramente diferente do ocorrido, acrescida de uma informação interessante: “Brote de locura y, a la vez, muestra de la peligrosa espontaneidad de David, muy competitivo. ¿Por qué se la agarró con Alejandra Pizarnik? Imposible saberlo, tal vez, pienso ahora, porque ella es una protegida de Cortázar”.<sup>3</sup>

Divergências políticas (exaltadas pelo temperamento teatral de Viñas) ou picuinhas alimentadas pelo grande adversário fantasmático que Cortázar representava para Viñas, como Piglia frequentemente assinala nos *Diários de Renzi*? Pode-se dizer que o engajamento político, mas também as afinidades e rivalidades pessoais dão o tom

---

<sup>3</sup> “Surto de loucura e, ao mesmo tempo, mostra da perigosa espontaneidade de David, muito competitivo. Por que implicou com Alejandra Pizarnik? Impossível saber; talvez, penso agora, porque ela seja uma protegida de Cortázar.”

desses projetos intelectuais. Wolff, felizmente, está longe de se dobrar a uma análise puramente sociológica do campo literário em *Telquelismos latino-americanos*. Há uma preocupação em articular as forças de convergência e de divergência estéticas e políticas de forma complexa na “importação” das ideias francesas de Tel Quel na Argentina e no Brasil. Há uma questão fundamental levantada na conversa com Schmucler e Rosa: a do “viés brutal da circunstância latino-americana”, como afirma o primeiro:

É tudo mais carnal. [...] Porque aquilo era... teoria! Eles [Tel Quel] podiam ser chinófilos, podiam ser estruturalistas, podiam ser stalinistas, poderiam ser o que quisessem, mas eram críticos, eram os críticos que falavam desde suas posições acadêmicas. Na Argentina e [...] também no Brasil, tudo isto passa a ser carne. Digo carne, as pessoas que põem os corpos aí, poderia dizer materialidade política e ação política (SCHMUCLER *apud* p. 104).

Rosa (*apud* p. 105) complementa a fala de Schmucler, logo em seguida: “Eu sofri duas tentativas de fuzilamento, mas Toto [Schmucler] perdeu um filho. Isso é o que se chama de uma ideologia encarnada: se colocava o corpo, não somente as ideias”. Os depoimentos, além das informações interessantes e das passagens emocionantes (no melhor estilo “saber com sabor”, para citarmos o lema barthesiano levado à risca por décadas por Perrone-Moisés), incitam a uma reflexão bem-vinda nos tempos atuais, face à ascensão da extrema direita e à reflorescimento de uma espécie de subcultura militarista no Brasil: como é possível existir (e fazer resistir) uma intelectualidade em meio a uma guinada ferozmente anti-intelectualista; como é possível, enfim, viver e pensar em um contexto desfavorável à vida e ao pensamento.

---

## REFERÊNCIAS

- DÍAS-QUIÑONES, Arcadio *et al.* *Ricardo Piglia. Conversación em Princeton*. Princeton: Program in Latin American Studies, Princeton University, 1998.
- FOREST, Philippe. *Histoire de Tel Quel*. Paris: Seuil, 1995.
- PIGLIA, Ricardo. *Los diarios de Emilio Renzi. T. II. Los años felices*. Barcelona: Anagrama, 2016.
- WALSH, Rodolfo. *Essa mulher e outros contos*. Trad. Sérgio Molina e Rubia Prates Goldoni. São Paulo: Ed. 34, 2010.



WOLFF, Jorge Hoffman. *Telquelismos latino-americanos: a teoria crítica francesa no entre-lugar dos trópicos*. Tese (doutorado em Teoria Literária) – Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, 2001.

Recebido: 11/12/2018

Aceito: 23/01/2019

Publicado: 24/06/2019